



Uma análise da construção da sexualidade pelo discurso de Caio Fernando Abreu, na crônica “A mais justa das saias”¹

Phillipp GRIPP²
Marcelo ROCHA³

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

RESUMO

O presente artigo faz uma análise da tentativa de Caio Fernando Abreu de desconstruir os estereótipos formados a partir de alguns valores e regras impostas às pessoas. Para isso, o artigo leva em consideração a visão que a sociedade tem em relação à sexualidade. Abreu constrói uma visão isenta de preconceito e/ou discriminação, da sexualidade, considerando-a parte da identidade do indivíduo, no discurso do autor em sua crônica “A mais justa das saias”, publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo em 1987.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Homossexualidade; Crônica; Caio Fernando Abreu.

A breve história de um grande escritor

Em 12 de setembro de 1948 nascia, em Santiago no interior Oeste do Rio Grande do Sul, um jornalista que escreveria - além de livros, crônicas, artigos, reportagens, entrevistas, críticas e editoriais para jornais e revistas como Zero Hora, O Estado de S. Paulo e Veja - seu nome na história da literatura de nosso país. Caio Fernando Loureiro de Abreu cursou Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, e, mais tarde, Artes Cênicas na mesma, abandonou-as, contudo, para se dedicar ao trabalho jornalístico.

Apesar de ser considerado um grande escritor de sua época, seus textos eram considerados de tom pesado e transgressores aos “padrões normais”, pois eram relacionados a assuntos vistos como malditos: sexo e drogas, por exemplo.

‘Eu não sou pesado, mas sim a realidade’, ele retorquia. Também falava de *rock*, astrologia, drogas e sexo, entregava-se sem receios à

¹ Trabalho apresentado no II 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011 na Universidade Estadual de Londrina, em Londrina – PR.

² Estudante de Graduação do 3º semestre no curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, campus São Borja. Email: phidgripp@hotmail.com

³ Orientador deste trabalho. Professor Dr. do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA. Email: marcelorochoa@unipampa.edu.br



cultura pop, quando isso ainda era considerado uma heresia, tanto à direita como à esquerda, na literatura brasileira. ‘Na minha obra aparecem coisas que não são consideradas material *digno, literário*’, disse meses antes de falecer (BESSA, 2006, p. 5-6).

Contudo, em 25 de fevereiro de 1996, Caio Fernando Abreu falece em decorrência do vírus HIV, ironicamente quando estava em um dos seus melhores momentos profissionais, já que desde o início dos anos 90 alguns de seus livros começaram a ser publicados em alguns países europeus e no Brasil tendo um bom reconhecimento.

Foi uma pena que ele tenha partido naquele momento. Afinal, a despeito do que comumente se pensa, quando se tem 47 anos ainda há muita coisa para viver, para ver, rever e transver. E, no caso de Caio, também — e principalmente — para escrever (BESSA, 2006, p. 5).

O discurso e a homossexualidade

Em 25 de março de 1987, Caio Fernando Abreu publicou no jornal O Estado de S. Paulo a crônica “A mais justa das saias” (em anexo na página 9), na qual ele discute sobre a relação da AIDS com a homossexualidade de forma literal, inserindo argumentos pertinentes para afirmar que a doença não poderia atacar apenas os homossexuais, informação que, na época, era veiculada. No decorrer do texto ele lança o seguinte discurso:

Só que homossexualidade não existe, nunca existiu. Existe sexualidade - voltada para um objeto qualquer de desejo. Que pode ou não ter genitália igual, e isso é detalhe. Mas não determina maior ou menor grau de moral ou integridade (ABREU, 2006, p. 44).

Com essas palavras, ele tentava reestruturar o que, por muito tempo, foi estigmatizado e estereotipado pela sociedade por homossexualidade, vista durante anos como “doença” ou “distúrbio”, encontrando resquícios disso na própria terminologia de um dos termos utilizados: homossexualismo.

A distinção regulatória que se estabeleceu entre heterossexuais e homossexuais se erigiu colocando a heterossexualidade burguesa como “natural”, como a única experiência identitária capaz de expressar o desejo sexual humano de forma saudável e correta. O viés científico dessa nova concepção transpôs a homossexualidade, os comportamentos não heterossexualmente orientados e até mesmo comportamentos sexuais menos tradicionais, da categoria de crime ou



pecado, para a categoria das doenças e perversões (PRADO e MACHADO *apud* COSTA, 2008, p. 38).

Sendo usado ainda atualmente, seja por desconhecimento ou preconceito de fato, o sufixo “ismo” do termo, que remete à doença, anormalidade ou perversão, foi substituído pelo sufixo “dade” referente ao modo de ser, tendo em vista que em 1999 o Conselho Federal de Psicologia formulou o alvará 001/99 ponderando que a homossexualidade não é considerada doença, distúrbio ou perversão.

Homossexualidade, termo criado pelo médico húngaro Karoly Benkert e incluído na literatura técnica desde 1869, portanto, é o termo correto por sua terminologia remeter à identidade sexual e não a um “momento” ou “doença”. Maria Berenice Dias⁴ nos traz ainda, em suas obras, o neologismo “homoafetividade”, que, de acordo com ela, é a palavra que melhor expressa o vínculo envolvendo o par, pois o amor existente entre os dois é o mesmo que envolve o casal heterossexual.

Caio traz, em seu discurso, o termo “homossexualidade”, levando em consideração o estereótipo de um perfil construído pela sociedade, no decorrer dos anos, do homossexual e dessa identidade. Perfil esse analisado historicamente por Michel Foucault:

Nos textos do século XIX existe um perfil-tipo do homossexual ou do invertido: seus gestos, sua postura, a maneira pela qual ele se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões de seu rosto, sua anatomia, a morfologia feminina de todo seu corpo fazem, regularmente, parte dessa descrição desqualificadora; a qual se refere, ao mesmo tempo, ao tema de uma inversão dos papéis sexuais e ao princípio de um estigma natural dessa ofensa à natureza (FOUCAULT, 2003, p. 21).

Com isso, o homossexual teria uma forma própria e fixa construída por visões preconceituosas, desqualificando-o e considerando-o “invertido”, ou seja, contra o que seria julgado como natural, sendo, portanto, visto como desvio de um padrão considerado correto, que seria, logo, seu oposto: o heterossexual.

Dessa forma, quando Caio Fernando Abreu diz “Só que homossexualidade não existe, nunca existiu”, ele considera a interpretação da sociedade, diante o perfil estruturado por ela, do homossexual e da homossexualidade, para, com isso,

⁴ Primeira mulher a ingressar na vida jurídica do Rio Grande do Sul e primeira desembargadora deste. Vice-Presidente Nacional do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM).



desconstruir, a seguir, a formulação desse “perfil-tipo”, estruturando-a como identidade, sem preconceitos e/ou discriminações, equiparando-a às demais sexualidades.

A construção da sexualidade

Para começar a construir o conceito de sexualidade, o autor primeiramente admite sua existência dizendo “Existe sexualidade”. Com isso, para o compreendermos, é necessário que se entenda filosófico e conceitualmente o que se considera por sexualidade.

Podemos dizer que ela está diretamente ligada às características construtivas do ser, considerando-a como um ponto à análise para compreendermos a identidade em construção de cada um. Logo, “vivenciar nossas sexualidades é um movimento imperativo em nossas vidas, e isto tem profundas ressonâncias na construção de nossas identidades” (PRADO e MACHADO, 2008, p. 29).

Foucault acrescenta ainda que:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros (FOUCAULT, 2003, p. 100).

Podemos concluir, assim, que sexualidade é uma identidade sexual construída a partir da relação entre o indivíduo e a atração sexual, atração esta sentida pelo sujeito e conectada a um objeto de desejo.

Identidade aqui é um conceito capaz de expressar a síntese de uma construção social que está implicada por formas de identificação pessoal e grupal, mas também por formas de atribuição social. Assim, falarmos em identidades homossexuais envolve não somente as formas e práticas de exercer a sexualidade, mas suas performances públicas, a construção dos direitos e deveres conquistados, os espaços institucionais ofuscados, as formas específicas de opressão e muitas outras questões que sempre estão circunscritas pela forma moral e estética concorrente a determinada posição hegemônica de objetivações sociais de indivíduos, grupos e sociedades (PRADO e MACHADO, 2008, p. 17).

Caio prossegue complementando e ressaltando que a sexualidade é “voltada para um objeto qualquer de desejo”. Dessa forma, o autor acrescenta à construção da



sexualidade a questão de “pelo quê” um indivíduo pode se sentir atraído, considerando que a atração não é, necessariamente, direcionada a algo fixo, mas a qualquer objeto de desejo.

Com essa observação do autor é possível ponderar a afirmação de Katz: ‘a heterossexualidade foi inventada!’ (PRADO e MACHADO *apud* KATZ, 2008, p. 36). Tendo em vista que a sexualidade pode se voltar a qualquer objeto, logo, pode-se afirmar que as sexualidades – heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade – não passam de termos criados para dar significado à ação e à atração sexual, assim, não só a heterossexualidade, mas as demais sexualidades foram inventadas.

Abreu acrescenta, então, ao seu discurso, que esse objeto de desejo “pode ou não ter genitália igual, e isso é detalhe”, excluindo, assim, a possibilidade de o objeto ser assexuado, não tendo um gênero de corpo, ou seja, não se definir como masculino ou feminino.

O gênero torna-se, antes, uma maneira de indicar ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1990, p. 07).

Sendo assim, é necessário, apenas, que o objeto pelo qual se sente desejo seja masculino ou feminino - homem ou mulher -, sem levar em consideração qual dos dois seja.

Moral & Integridade

Caio finaliza seu discurso considerando medidas de grau de moral e integridade, relacionadas ao fato de o objeto de desejo ter o mesmo gênero ou o gênero oposto em relação ao objeto que deseja, logo, o fato de um homem se atrair por outro homem ou por uma mulher e de uma mulher se atrair por um homem ou por outra mulher, em nada interfere na questão moral e íntegra do indivíduo: “Mas não determina maior ou menor grau de moral ou integridade”.

Para que possamos entender a definição de moral e integridade em medidas de grau e a causa de a genitália – sendo igual ou diferente em relação ao indivíduo que deseja e o indivíduo desejado - não determinar essas medidas, é necessário que compreendamos, antes, o conceito desses termos:



Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias (FOUCAULT, 2003, p. 26).

Logo, podemos entender que moral é um conjunto de regras de comportamentos ou de hábitos julgados válidos e propostos pelas famílias e Igrejas, por exemplo, aos indivíduos. Sendo que esses conjuntos de regras ou hábitos podem se organizar de forma a se constituírem coerentemente e, assim, serem seguidas, pois são julgadas como corretas ou, em algum momento, perderem a lógica, transmitindo-se de maneira difusa, sem construir um sistema de princípios, dando um espaço para transgressões, deixando, assim, de serem seguidas.

Contudo, esse conceito de moral não nos explica a sua variação de medidas em grau, mas Foucault também leva isso em consideração mais adiante, definindo-a como um “aspecto da moral”:

Porém, por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara (FOUCAULT, 2003, p. 26).

Se moral também é o comportamento real dos indivíduos relacionado ao conjunto de regras propostas, logo, quem se submete à moral pode avaliar até que ponto ela lhe é pertinente e quando ela deixa de se definir como um conjunto de valores a ser seguido. O indivíduo, portanto, tem poder sobre a moral, podendo definir o que, do conjunto de regras e valores proposto, condiz com um valor a ser seguido. As regras e os valores propostos podem, portanto, serem medidos no grau em que o indivíduo se submete à moral, seguindo ou não o que lhe é proposto.



Quanto à integridade, também definida em medidas de grau por Caio, podemos entendê-la, no contexto construído pelo autor, por um sentimento de dignidade, logo, de honestidade. Um indivíduo íntegro, portanto, nesse contexto, é alguém honrado, respeitado. Com isso, podemos considerar o fator respeito em relação à integridade e, assim, defini-la em medidas de grau, tendo um grau maior ou menor de respeito por alguém. Dessa forma, a afirmação de Caio relacionada à integridade é explicada e compreendida, visando que quaisquer sexualidades não devem ser vítimas de desrespeito.

Considerações finais

A sexualidade e a sua construção é um assunto de interesse de uma maioria significativa da sociedade, desde a Idade Antiga, pois aguçam o imaginário de muitos, é questão de estudo para outros, ou ainda, infelizmente, é visto como tabu – seja por preconceito, vergonha ou um estereótipo imposto por uma sociedade falsamente liberal.

Caio Fernando Abreu a trata, em seu discurso, com outra visão, que desconsidera esses estereótipos impostos por essa sociedade, construindo-a, no final dos anos 80, isenta de preconceitos e discriminações, respeitando não só os direitos dos heterossexuais, mas também dos GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), logo, todas as formas de sexualidades.

Com essa análise é possível concluir que já houve e continua havendo, na sociedade, um ponto de vista pouco harmonioso quando a questão é a diversidade sexual e, principalmente, relacionado ao homossexual, sendo ele desvalorizado e desrespeitado de várias formas, já que a sociedade, por muitas vezes, impôs uma identidade sexual homogênea – a heterossexualidade. Logo, a grande maioria dos que já transgrediram a essa imposição foram vítimas de injustiças ao longo da história.

Contudo, pessoas como Caio Fernando Abreu, quando escrevem discursos como este - aqui analisado - desconstruem esses estereótipos preconceituosos, para reconstruí-los e estruturar um novo conceito de sexualidade, qualificando todas as suas orientações como singulares, mas iguais perante valores morais.

Referências Bibliográficas

Abreu, Caio Fernando. **Melhores contos: Caio Fernando Abreu / seleção e prefácio Marcelo Secron Bessa**. - São Paulo: Global, 2006.



_____. **Pequenas Epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Manual de Comunicação LGBT**. Ferdinando Martins, Lilian Romão, Liandro Lindner, Toni Reis. (Org.) [Curitiba]: Ajir Artes Gráficas e Editora, 2010.

DIAS, Maria Berenice. **União homossexual: o preconceito & a justiça**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Ed., 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

PRADO, Marco Aurélio Máximo & MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação e Realidade, vol. 2, n. 116, Porto Alegre, 1990.



ANEXO:

A mais justa das saias

Tem muita gente contaminada pela mais grave manifestação do vírus - a aids psicológica.

A primeira vez que ouvi falar em aids foi quando Markito morreu. Eu estava na salinha de TV do velho Hotel Santa Teresa, no Rio, assistindo ao Jornal Nacional. “Não é possível” – pensei - “Uma espécie de vírus de direita, e moralista, que só ataca aos homossexuais?” Não, não era possível. Porque homossexualidade existe desde a Idade da Pedra. Ou desde que existe a sexualidade - isto é: desde que existe o ser humano. Está na Bíblia, em Jônatas e Davi (“... a alma de Jônatas apegou-se à alma de Davi e Jônatas o amou como a si mesmo” -i Samuel, i8-), nos gregos, nos índios, em toda a história da humanidade. Por que só agora “Deus” ou a “Natureza” teriam decidido punilos?

Mas de coisa-que-se-lê-em-revista ou que só-acontece-aos-outros, o vírus foi chegando mais perto. Matou o inteligentíssimo Luiz Roberto Galizia, que eu conhecia relativamente bem (tínhamos até um vago e delirante projeto de adaptar para teatro Orlando, de Virginia Woolf, com Denise Stoklos no papel principal, já pensou?). Matou Fernando Zimpeck, cenógrafo e figurinista gaúcho, supertalentoso. E Flávio Império, Timochenko Webbi, Emile Eddé - pessoas que você encontrava na rua, no restaurante, no cinema. O vírus era real. E matava.

Aí começaram as confusões. A pseudotolerância conquistada nos últimos anos pelos movimentos de liberação homossexual desabou num instantinho. Eu já ouvi - e você certamente também – dezenas de vezes frases tipo “bicha tem mesmo é que morrer de aids”. Ou propostas para afastar homossexuais da “sociedade sadia” – em campos de concentração, suponho. Como nos velhos e bons tempos de Auschwitz? Tudo para o “bem da família”, porque afinal - e eles adoram esse argumento - “o que será do futuro de nossas pobres criancinhas?”

Só que homossexualidade não existe, nunca existiu. Existe sexualidade - voltada para um objeto qualquer de desejo. Que pode ou não ter genitália igual, e isso é detalhe. Mas não determina maior ou menor grau de moral ou integridade. (É curioso, e revelador, observar que quando Gore Vidal vem ao Brasil, toda a imprensa se refere a ele como “o escritor homossexual”, mas estou certo que se viesse, por exemplo, Norman Mailer, ninguém falaria do “escritor heterossexual”). Sim, a moral & os bons costumes emboscados por trás do falso liberalismo - e muito bem amparados pelo mais



reacionário papa de toda a (triste) história do Vaticano - arreganha agora os dentes para declarar: “Viram como este vício hediondo não só corrompe, mas mata?”

Corrompe nada, mata nada. Acontece apenas que a única forma possível de consumação do ato sexual entre dois homens é mais favorável à transmissão do vírus, que se espalhou nesse grupo devido à alta rotatividade sexual de alguns. E é aí que começa a acontecer isso que chamo de “a mais justa das saias”. Afinal é preciso que as pessoas compreendam que um homossexual não é um contaminado em potencial, feito bomba-relógio prestes a explodir. Isso soa tão cretino e preconceituoso como afirmar que todo negro é burro e todo judeu, sacana.

Heteros ou homos (?) a médio prazo iremos todos enlouquecer, se passarmos a ver no outro uma possibilidade de morte. Tem muita gente contaminada pela mais grave manifestação do vírus - a AIDS psicológica. Do corpo, você sabe, tomados certos cuidados, o vírus pode ser mantido a distância. E da mente? Porque uma vez instalado lá, o HTLV-3 não vai acabar com as suas defesas imunológicas, mas com suas emoções, seu gosto de viver, seu sorriso, sua capacidade de encantar-se. Sem isso, não tem graça viver, concorda?

Você gostaria de viver num mundo de zumbis? Eu, decididamente não. Então pela nossa própria sobrevivência afetiva - com carinho, com cuidado, com um sentimento de dignidade - ô gente, vamos continuar namorando. Era tão bom, não era?

O Estado de S. Paulo, 25/3/987